



46

REVISTA  
PORTUGUESA  
DE  
HISTÓRIA

COIMBRA 2015

## Coimbra e o imaginário

### *Coimbra and the imaginary*

NUNO ROSMANINHO

Universidade de Aveiro / CEIS20 da UC

Email: [rosmaninho@ua.pt](mailto:rosmaninho@ua.pt)

Texto recebido em / Text submitted on: 21/04/2015

Texto aprovado em / Text approved on: 15/07/2015

#### *Resumo:*

No final do século XIX e no início do século XX, criou-se em torno de Coimbra um rico imaginário bucólico, tardo-romântico, categorizado numa tranquilidade e numa pureza quase intemporais. O objectivo do presente artigo é analisar historicamente esse imaginário e observar a sua conversão numa espécie de paradigma nacional. Para o efeito, usam-se textos de Eça de Queirós, Alberto de Oliveira e Miguel Torga, bem como uma vasta literatura constituída por memórias (nomeadamente académicas), romances, discursos, ensaios, guias e relatos de viagem, diários, poesia e alusões circunstanciais. Salienta-se a persistente oposição entre *coimbrismo* e *anticoimbrismo* e o modo como os elogios tardo-românticos de Coimbra continuam a justificar algumas acusações de conservadorismo. A interpretação daqui resultante é utilizada para explicar aparentes contradições na recepção crítica da cidade universitária construída durante o Estado Novo.

#### *Palavras-chave:*

Coimbra, imaginário, cidade universitária de Coimbra, *anticoimbrismo*, tardo-romantismo.

#### *Abstract:*

At the end of the nineteenth- and beginning of the twentieth-centuries, a late, rich, bucolic and romantic imaginary emerged. It was additionally categorized as being endlessly imbued with tranquility and purity. The aim of this essay is, therefore, to analyze this imaginary from a historical point of view and observe how it evolved into a kind of national paradigm. For this purpose, texts written by Eça de Queirós, Alberto de Oliveira and Miguel Torga will be used as well as a wide range of writings constituted by memories (mainly academic), novels, discourses, essays, guides and travel writings, diaries, poetry and occasional allusions. The persistent opposition between *coimbrismo* and *anticoimbrismo* are also highlighted here as well as the way in which late romantic apologies persist in justifying some of the accusations of conservatism. The interpretation gathered here is, thus, utilized in order to explain the apparent contradictions inherent in the critical reception of this university town built during Salazar's *Estado Novo*.

#### *Keywords:*

Coimbra; Imaginary; The University town of Coimbra; *Anticoimbrismo*; Late-romanticism

A Cidade Universitária de Coimbra constitui um prolongado e emblemático investimento do Estado Novo, com importantes incidências urbanísticas, estéticas e simbólicas. Quando começámos a estudá-la, verificámos ser comum pensar que havia sido uma imposição do Estado Novo (estruturada em personalidades locais como Bissaya Barreto), contra a vontade dos coimbricenses e dos sectores *progressistas* e antifascistas de Coimbra<sup>1</sup>. Estas ideias desvaneceram-se rapidamente. A leitura da imprensa e de documentação de arquivo mostrou uma realidade diferente e, em alguns aspectos, oposta. A cidade começou por aceitar bem as obras, Bissaya Barreto revelou-se um dos críticos mais persistentes do empreendimento (foi aliás dentro do regime que surgiram as objecções mais veementes), alguns sectores oposicionistas apoiaram os trabalhos (e nenhum os contestou, a não ser em data muito tardia) e as resistências nasceram no seio dos habitualmente designados «saudosistas».

Este paradoxo denuncia uma relação surpreendente com a cidade universitária, que se estende à recepção crítica e que só se torna compreensível quando a integramos no rico imaginário coimbrão. Tornou-se claro, ao terminar o estudo, que, por um lado, o imaginário bucólico de Coimbra, cristalizado no tardo-romantismo, categorizado numa expressão de pureza quase intemporal, justificou a segregação urbana da cidade universitária. Por outro lado, esse mesmo imaginário, associado à nostalgia dos velhos arruamentos e vivências urbanas, condenou, desde o início, o arrasamento da zona superior da Alta e a sua monofuncionalização.

No primeiro caso, tratava-se, para citar a oração de sapiência de João Maria Porto em 1940, de criar uma «atmosfera *pura* de cultura e de vida social»<sup>2</sup>. Foi ao estereótipo bucólico de Coimbra que Salazar recorreu para lançar publicamente o projecto da cidade universitária, em 1937. O *desejo* de abrir perspectivas sobre o rio Mondego e as encostas verdejantes sustenta, com uma naturalidade inquietante, a ideia de isolar a Universidade dos quarteirões residenciais, convertendo-a na cidadela que hoje é, mas que durante séculos nunca foi. No segundo caso, tratava-se de contestar a perda dos lugares da memória da vida universitária.

Para explicar este paradoxo, é necessário remontar ao final do século XIX e verificar de que modo algumas ideias gerais sobre Coimbra, já ironizadas

---

<sup>1</sup> Ver o nosso trabalho *O Poder da Arte. O Estado Novo e a Cidade Universitária de Coimbra* (Coimbra, Imprensa da Universidade, 2006), versão abreviada da dissertação de doutoramento com o mesmo título, apresentada em 2001, de onde extraímos o presente estudo, que agora se revê e publica pela primeira vez.

<sup>2</sup> João Maria Porto, «Alguns problemas da Universidade de hoje», *Anuário da Universidade de Coimbra* (1940/1941), Coimbra, 1941, p. 22.

por Eça de Queirós, se converteram em estereótipos, desencadeando reacções que prosseguem nos nossos dias. Há neste processo um encadeamento que se poderia simplificar nos seguintes termos: a beleza, a tranquilidade e o sortilégio de Coimbra criaram nos seus adversários a ideia de uma cidade conservadora, alimentando assim o antioimbrismo, e nos seus adeptos uma aura de importância e de equilíbrio que conduziu à convicção de que constituiria uma espécie de paradigma nacional. Parece ter sido durante a Primeira República e o Estado Novo que esta última ideia se desenvolveu. Não se tratou apenas de verificar a importância de Coimbra na formação das elites, mas de reconhecer nela uma matriz espiritual que ao mesmo tempo contém e ultrapassa a própria universidade.

Mesmo o leitor menos informado compreenderá a problemática em causa depois de conhecer dois textos fundamentais – a rábula de Eça de Queirós e uma análise global de Miguel Torga –, a que acrescentaremos a lúcida premonição de Alberto de Oliveira.

### **O «lirismo beócio»**

A crítica mais acutilante dos estereótipos de Coimbra encontra-se em seis breves páginas de Miguel Torga, publicadas em 1950<sup>3</sup>, que, não por acaso, abrem com a conhecida arenga do Conselheiro Acácio, uma das suas mais irónicas e exactas expressões. «A ridícula visão do Conselheiro – diz Miguel Torga com meridiana clareza – exprime com fidelidade o deslumbramento da retina de todos os bacharéis da nação. Graças a ele, na verdade, Coimbra atravessa o país de lés a lés nas asas dum lirismo beócio». Não é possível ser mais claro, nem mais violento, nem mais inesperado para quem se habituou aos doces elogios da paisagem da «Lusa Atenas», dos seus monumentos, das suas ruas, da sua universidade, das suas tradições.

Eça de Queirós colocou na boca do Conselheiro Acácio, «representante do Constitucionalismo e do “formalismo oficial”»<sup>4</sup>, um trecho eloquente de uma visão mítica e conservadora da realidade universitária e histórica de Coimbra. O Conselheiro lê aos seus amigos um excerto da obra que estava escrevendo, intitulada *Descrição das Principais Cidades do Reino e seus Estabelecimentos*, no capítulo referente a Coimbra:

---

<sup>3</sup> Miguel Torga, *Portugal*, 2.<sup>a</sup> ed., Coimbra, 1957 (1.<sup>a</sup> ed., 1950).

<sup>4</sup> A. Campos Matos, *Dicionário de Eça de Queiroz*, Lisboa, Caminho, 1988, p. 26.

Reclinada molemente na sua verdejante colina, como odalisca em seus aposentos, está a sábia Coimbra, a Lusa Atenas. Beija-lhe os pés, segredando-lhe de amor, o saudoso Mondego. E em seus bosques, no bem conhecido salgueiral, o rouxinol e outras aves canoras soltam seus melancólicos trilos. Quando vos aproximais pela estrada de Lisboa, onde outrora uma bem organizada *malaposta* fazia o serviço que o progresso hoje encarregou à fumegante locomotiva, vêde-la branquejando, coroada do edifício imponente da Universidade, asilo da sabedoria. Lá campeia a torre com o sino, que em sua folgazã linguagem a mocidade estudiosa chama *a cabra*. Para além logo uma copada árvore vos atrai as vistas: é a celebrada *árvore dos Dórias*, que dilata seus seculares ramos no jardim de um dos membros desta respeitável família. E avistais logo, sentados nos parapeitos da antiga ponte, em seus inocentes recreios, os briosos moços, esperança da pátria, ou requebrando galanteios com as ternas camponesas que passam refflorindo de mocidade e frescura, ou revolvendo em suas mentes os problemas mais áduos de seus bem elaborados compêndios...<sup>5</sup>

Este texto acumula a maioria dos estereótipos que, há mais de cento e cinquenta anos, esmaltam o imaginário de Coimbra.<sup>6</sup> Quando Eça de Queirós publicou *O Primo Basílio*, em 1878, escrever sobre a cidade do Mondego tornara-se um exercício de alusões: à universidade, ao rio, à paisagem, ao bucolismo, à boémia, etc..

O *Cancioneiro de Coimbra*, compilado por Afonso Lopes Vieira e publicado em 1918, constitui um momento alto desta mitificação. Se Garcia de Resende, Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, Sá de Miranda e Camões criaram uma *poética coimbrã* bucólica<sup>7</sup>, amorosa e trágica (episódio de Inês de Castro), os escritores oitocentistas conduziram-na à exaustão. António Feliciano de Castilho, João

<sup>5</sup> Eça de Queirós, *O Primo Basílio*, 11.<sup>a</sup> ed. Porto, Livraria Chardron, 1927, p. 389. Este trecho nuclear, justamente realçado por Carlos Reis («Eça de Queirós e a Universidade de Coimbra», *Universidade(s). História – Memória – Perspectivas. Actas*, Coimbra, 1991, vol. III, p. 439-453), encontrase ausente do texto que Geraldo Soares dedicou a «Eça de Queirós e o espírito de Coimbra», Rua Larga, Coimbra, n.º 8, 8 de Dezembro de 1957, p. 220-224.

<sup>6</sup> Para avaliar a permanência deste tipo de discurso, leiam-se as palavras de cumprimento do vereador Francisco Augusto Cortez ao presidente da Câmara Municipal de Coimbra, Joaquim de Moura Relvas, pelo segundo aniversário da sua posse, em 11 de Junho de 1959: «Coimbra é esta princesa de perpétuo e juvenil encanto, coroada lá no alto, pelo refulgente diadema da sabedoria de quem o Mondego, serpenteando a seus pés, em gesto de milenar suserania, vem reflectindo a sua esbelta silhueta, muito ufano e orgulhoso, como se conduzisse pelo braço esta régia noiva» (Arquivo Histórico Municipal de Coimbra, BO/196 – *Actas das sessões da Câmara Municipal de Coimbra*, ff. 68-68v.).

<sup>7</sup> Vitorino Nemésio prefere chamar-lhe «a lírica das “doces e claras águas”, a bucólica do Mondego», iniciada por Sá de Miranda. (Vitorino Nemésio, «Coimbra», in Jacinto do Prado Coelho, dir., *Dicionário de Literatura*, 3.ª ed., Porto, Figueirinhas, 1983, vol. I, p. 189).

de Lemos, A. Lima, A. M. Couto Monteiro, António de Serpa, Tomás Ribeiro, João de Deus, Manuel da Silva Gaio, Queirós Ribeiro, entre muitos outros, derramaram sobre Coimbra um lirismo exacerbado e, por fim, absolutamente previsível. O *Cancioneiro* foi concebido como um breviário de *patriotismo* e de *sentimentalismo*, inaugurando uma época de expressa apropriação ideológica de Coimbra<sup>8</sup>.

Na passagem para o século XX, o «espírito de Coimbra» persistiu e aprofundou-se na mitologia nacional e, se é legítimo enunciar uma impressão, oficializou-se durante o Estado Novo, quando políticos e intelectuais o fixaram e vulgarizaram. Em 1947, ao noticiar a inauguração do monumento a António Nobre no Penedo da Saudade, Augusto de Castro resumiu o essencial numa definição lapidar:

Há na mentalidade portuguesa um espírito coimbrão – uma forma de sensibilidade romântica regional, uma espécie de trinado que constitui uma nota lírica, que em certas personalidades representa pela vida fora um traço dominante indestrutível<sup>9</sup>.

Contra esta unanimidade, que não se detém nas fronteiras da ideologia política, Miguel Torga acabou produzindo um manifesto que, apesar da dureza, se condensa em duas páginas. A expressão concentrada não oculta um longo amadurecimento. Em 16 de Março de 1943, já havia registado no *Diário* o desejo de «pôr em letra redonda e por inteiro a vacuidade desta Coimbra, a que Portugal se entregou como um homem aos encantos da mulher que o engana», e de explicar que «é no seu regaço emoliente que se esgota há quatrocentos anos a força da sua inteligência e do seu corpo»<sup>10</sup>.

Chegado o momento de escrever, poucas linhas lhe bastaram para reduzir a nada o «sentimentalismo de meia-tigela, que é hoje endémico entre nós graças a gerações sucessivas de licenciados», e para denunciar o vigor indemne dessa mentira. O poeta abala os fundamentos do imaginário corrente com uma linguagem violentíssima: «desgraçadamente, a contrafacção continua,

<sup>8</sup> Afonso Lopes Vieira (org.), *Cancioneiro de Coimbra. Em que se contém poesias portuguesas, e nos saudosos campos inspiradas, desde o século XV até aos nossos tempos, com uma silva de romances e cantigas tradicionais*, Coimbra, França Amado, 1918. Não surpreende, por isso, que Luís Cabral de Moncada considere Alberto de Monsaraz e António Sardinha (e mesmo António Nobre) «os últimos herdeiros» do «velho “lirismo coimbrão” de épocas anteriores» (Luís Cabral de Moncada, *Memórias*. Lisboa, Verbo, 1992, p. 80).

<sup>9</sup> Augusto de Castro, «O poeta e a morte», *Coimbra e António Nobre*, Coimbra, Biblioteca Municipal, 1940, p. 37.

<sup>10</sup> Miguel Torga, *Diário II*, 4.<sup>a</sup> ed. Coimbra, 1977, p. 143.

e será talvez necessário um terramoto, uma erupção, uma bomba atómica, para fazer o saneamento desta pornografia». Mas depois da máxima fúria, a maior ternura: «E, contudo, Coimbra é uma linda cidade, cheia de significação nacional». Infelizmente, «a tradição parola colou-lhe um rabo-leva atroz, carnavalesco e fútil». Da sua «irrealidade poética», apenas se aproveitou o «ópio sentimentalista»<sup>11</sup>.

### *Coimbrismo e anticoimbrismo*

Alberto de Oliveira foi o companheiro dilecto de António Nobre nos tempos de Coimbra, onde cursou Direito antes de ingressar na carreira diplomática, que o levou a Berna, Berlim, Rio de Janeiro, Buenos Aires, Roma, Bruxelas, etc. Nesta cidade escreveu em 1932, para *O Instituto*, algumas palavras de homenagem a Augusto Mendes Simões de Castro. Intitulou-as «O culto de Coimbra». Tão conciso como Eça de Queirós e Miguel Torga mas denotando mais desvelo na afeição, não se deixou cegar pelos estereótipos, aliás recorrentes nos poemas de *Coimbra Amada* (1930). Partindo de um evidente lirismo, chega a antecipar o ataque de Torga contra o sentimentalismo excessivo.

O *culto* de Coimbra, anota ele, «conta hoje, na mocidade portuguesa, muito menos paladinos que outrora». O «tema que fascinou todos os nossos poetas, desde que Portugal existe, está talvez relegado pela geração novíssima à categoria de lugar-comum, lamecha e piegas por excelência, indigno portanto de ocupar ou comover mentalidades e sensibilidades mais evoluídas que as nossas». Deste modo, é de rezear que, perdendo o fascínio, se converta «numa qualquer cidade de província»<sup>12</sup>.

Na realidade, elevada a píncaros de beleza e sortilégio, Coimbra suscita com frequência diametrais sentimentos de repulsa, menos vezes expressos em letra de forma. Luís Reis Torgal fala de *coimbrismo* e de *anticoimbrismo*, o primeiro radicando na saudade dos tempos ali passados e no orgulho inerente a uma Universidade tão antiga, e o segundo resultante de ter sido a principal e, desde a extinção da Universidade de Évora em 1759 até 1911, a única, concentrando por isso atenções e críticas.

Alguns escritores evidenciam bem esta dicotomia. Camilo Castelo Branco esteve nos dois pólos. Bom conhecedor da cidade, depois de nela residir em 1846 e em 1875/1876, produziu opiniões paradoxais, «consoante as flutuações

<sup>11</sup> Miguel Torga, *Portugal*, p. 86, 89 e 90.

<sup>12</sup> Alberto de Oliveira, «O culto de Coimbra», *O Instituto*, Coimbra, vol. 87, 1934, p. 202 e 206.

do estado de espírito ou as circunstâncias em que as formula»<sup>13</sup>. Cerca de 1876, estando ali a viver, exarou duas impressões antitéticas. Em missiva para Manuel Negrão, refere-se-lhe como uma terra de *encantos*, imersa numa «sacrossanta paz de modulada banza». Mas noutra, endereçada ao visconde de Ouguela, afirmou: «Cá estou na estúpida Coimbra e na mais estúpida das ruas – a Larga. A terra fede; é o aroma desta ciência daqui»<sup>14</sup>.

O caso de Eça de Queirós é um pouco menos linear. O trecho de *O Primo Basílio* ilustra o significado de Coimbra para a «mentalidade acaciana». Mas esta não pode confundir-se com o pensamento do escritor, que manteve constante ao longo do tempo uma imagem de Coimbra caracterizada por dois aspectos principais: «por um lado», aponta Carlos Reis, «os estudantes, em quem Eça frequentemente reconhece a propensão para a boémia, o culto das atitudes de criatividade e subversão de valores e de instituições, também uma certa predisposição para a criação poética, ora de teor ultraromântico, ora de vocação satânica e decadentista; por outro lado, a Universidade, encarada como lugar de poder arbitrário, afectada por uma grande inoperância no plano pedagógico-científico e retratada como instituição eminentemente conservadora». Assim, conclui Carlos Reis, a Universidade «é o lugar que convida à boémia, mais do que ao estudo, o trampolim para o ascendente social de que o bacharel quer desfrutar e que o jovem académico vai exercendo sobre o futrica; nela a sebenta vale como definitivo repositório do saber e o estudante relapso compensa o terror do lente com a poesia de duvidoso gosto a que se consagra»<sup>15</sup>.

Em termos pessoais, os «anos de Coimbra aparecem em Eça cheios de um prestígio lendário», lugar de sonhos e fantasias juvenis<sup>16</sup>. Os testemunhos escritos<sup>17</sup> contrariam, portanto, a impressão de *desprendimento absoluto e sincero* por Coimbra, colhida por António Nobre, em 1890, na conversa mantida com Eça de Queirós em Paris<sup>18</sup>. A formalidade inerente a um primeiro contacto pessoal não autoriza a preferir a opinião do autor de *Só* às menções deixadas por Eça na sua obra.

Aliás, antes de cantar as belezas de Coimbra, o próprio António Nobre votou-lhe uma grande aversão. O primeiro contacto incompatibilizou-o com as trupes, com o canelão à Porta Férrea, com a praxe em geral, e, por extensão, com a

<sup>13</sup> Alexandre Cabral, *Dicionário de Camilo Castelo Branco*, Lisboa, Caminho, 1989, p. 190.

<sup>14</sup> Cit. por Alexandre Cabral, *Dicionário...*, cit., p. 191.

<sup>15</sup> Carlos Reis, “Eça de Queirós...”, cit., p. 440-442.

<sup>16</sup> António José Saraiva, *As Ideias de Eça de Queirós*, Amadora, Bertrand, 1982, p. 65 (1.ª ed., 1946).

<sup>17</sup> Cf. Carlos Santarém Andrade, *A Coimbra de Eça de Queirós*, Coimbra, Minerva, 1995.

<sup>18</sup> António Nobre, *Correspondência*, 2.ª ed. Lisboa, IN-CM, 1982, p. 129.

própria cidade. «O tom de Idade Média que existe em tudo é tal – escreveu em carta a Augusto de Castro, em 18 de Outubro de 1888 – que eu por momentos chego a crer que o Dante escreveu o Inferno, o mês passado». Porém, à medida que estabelecia amizades e que se integrava no círculo literário que deu origem à revista *Boémia Nova* (cujo primeiro número saiu em Fevereiro de 1889), foi-se deixando enlevar pelas belezas urbanas e da paisagem rural envolvente.

No ano lectivo de 1889-90, abandonou o Penedo da Saudade e foi para o Beco da Carqueja. Em carta a Alfredo de Campos, de 25 de Abril de 1890, contrapôs a «tão celebrada vida coimbrã, que a Legenda tanto exagera», ao tédio quotidiano, e teve ocasião de lamentar a perda de pitoresco: «as tias Camelas morreram e só ficou a camelice»<sup>19</sup>. Mas foi neste ano que finalmente desabrochou o seu amor, apesar da traumatizante reprovação (a segunda) no ano inicial do curso de Direito, em 8 de Julho de 1890<sup>20</sup>.

A fama de Coimbra pesou também sobre Miguel Torga que, conhecendo-a aos dezassete anos, viu, através da chuva, «um chão de telhados velhos».

Ao alto – lê-se no terceiro dia de *A Criação do Mundo* –, uma torre entre neblina parecia um cipreste de pedra. Um comboio asmático passou pela rua fora, a apitar. Uma tristeza húmida anoitecia tudo.

– Tanta fama, e afinal... – desabafou o Sr. Adalberto<sup>21</sup>.

Mas passados meses: «A impressão desolada e negra da chegada fora varrida pela realidade e pela tradição. Cada recanto, além da sua poesia própria, tinha a história a redoirar-lhe os musgos. [...] A literatura juntava-se à natureza e vestia-a dum halo mágico»<sup>22</sup>. E deste amor proveio a reacção vivíssima de Miguel Torga contra os excessos líricos, que continuamente deturpam e perdem a beleza autêntica de Coimbra.

Fora da estrita dicotomia, Vergílio Ferreira tendia a evocar Coimbra como uma experiência de vida. Algumas personagens dos seus romances, como a Sandra de *Para Sempre* ou a Oriana de *Até ao Fim*, deambulam na Alta, da qual em verdade não se podem separar<sup>23</sup>. «Passado legendário, – para o escritor que nela viveu parte da juventude – Coimbra existe aí, nessa legenda, na sagração de

<sup>19</sup> *Idem*, p. 57, 89 e 90.

<sup>20</sup> Guilherme de Castilho, *Vida e Obra de António Nobre*, 3.<sup>a</sup> ed. Amadora, Bertrand, 1980, sobretudo p. 4994.

<sup>21</sup> Miguel Torga, *A Criação do Mundo. O terceiro dia*, 2.<sup>a</sup> ed. Coimbra, 1948, p. 39-40.

<sup>22</sup> *Idem*, p. 44.

<sup>23</sup> Ver, por exemplo, Vergílio Ferreira, *Até ao Fim*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1988, p. 122-123.

eternidade do seu efémero que passou». O imaginário conimbricense converte-se, deste modo, em fenómeno interior exposto pelo próprio nos seguintes termos: «Coimbra é para a evocação de quem a viveu a fracção que dela nos coube ou escolhemos no fundo do nosso ser.» Amar Coimbra é recordá-la «no sem-fim do tempo», a juventude iluminada pela «beleza e serenidade e plenitude que não teve», tudo «perfeito como se o fosse. Ou tivesse sido»<sup>24</sup>.

### Beleza e sortilégio

A ideia do *sortilégio* de Coimbra, que também se encontra em autores estrangeiros<sup>25</sup>, é menos diáfana do que possa parecer. Vitorino Nemésio assinala que, embora haja «muito menos escritores notáveis nascidos em Coimbra do que em Lisboa, no Porto, e talvez noutras terras do país», «nenhum lugar polariza mais actividade literária do que este, desde o século XVI, tanto como centro de produção como de atracção espiritual e referência poética»<sup>26</sup>. O seu encanto resulta dos monumentos, da Academia, das tradições, da paisagem, dos sítios pitorescos, do rio Mondego, das tricanas e da saudade projectada por cada antigo estudante. A «alma eterna da Cidade do Mondego» é, em primeiro lugar, como escreveu Fernando Correia, o «pseudónimo [...] da mocidade de cada um»<sup>27</sup>. Mas à «pura saudade» da vida feliz e despreocupada de estudante, acrescentam-se todos os demais tópicos, minuciosamente evocados por António Cabral:

– «o velho burgo de aspecto medieval, de ruas estreitas e ladeirantas, de casas apinhadas no declive do monte, coroadado pelo Alcaçar da Ciência, e, em volta, aquelas colinas floridas, aqueles prados verdejantes, aqueles brancos e sorridentes casais, aquelas ínsuas e aqueles pomares de doces frutos»;

– «o Mondego espelhado, a murmurar e a fugir por entre os espessos sinclairais que lhe franjam as margens»;

<sup>24</sup> Vergílio Ferreira, «Um timbre de guitarra», *Via Latina*, Coimbra, Maio de 1991, p. 343.

<sup>25</sup> Veja-se, por exemplo, a surpreendente opinião de Leo Magnino, em 1939: «Costruita in anfiteatro sulla riva destra del Mondego, circondata da una serie di piccole colline, il suo paesaggio ha un fascino particolare, che ci ricorda la terra fiorentina.» (Leo Magnino, *Coimbra. La culla del Portogallo*, p. 7. Sep. de *L'Universo*, revista mensal do Istituto Geografico Militare, ano XX, n.º 12, Dezembro de 1939).

<sup>26</sup> Vitorino Nemésio, «Coimbra», in Jacinto do Prado Coelho, *Dicionário de Literatura*, 3.ª ed. Porto, Figueirinhas, 1983, vol. I, p. 188.

<sup>27</sup> Fernando Correia, *Vida Errada. Romance de Coimbra*, 2.ª ed., Coimbra, Coimbra Editora, 1960, p. 9. Por esta razão, como escreveu Alexandre Alves Costa, «a saudade que se aprende a dizer em Coimbra é de mim próprio» (Alexandre Alves Costa, «Coimbra é Portugal inteiro», *Via Latina*, Coimbra, Maio de 1991, p. 304.)

– «as fogueiras do S. João e as danças animadas, em que as capas negras dos estudantes se acasalavam com os xales multicolores das tricanas travessas;  
– «o Penedo da Saudade [...] e os olivedos do vale, e, mais longe, abrindo rasgões no azul, os escuros pinheiros das encostas, que lhes dão tão suave e tão doce melancolia»;

– «as guitarradas suspirosas, o lânguido gemer do Fado nas cordas soluçantes, e as cantigas à desgarrada»;

– «o ruído de uma Academia turbulenta e irrequieta como grande mar de vagas agitadas»;

– «aquelas frescas e orvalhadas manhãs de Maio, [...] as noites primaveris, [...] os passeios ao Choupal, ou em barco, rio acima, até à Lapa dos Esteios, à Curva da Portela, mais longe ainda»;

– «as airosas raparigas, de saia arregaçada, mergulhando no Mondego de águas claras a bilha de barro»;

– «casas e quintas históricas, [...] mosteiros dos arredores»<sup>28</sup>.

Alguns destes estereótipos encontram-se já em *El Amor Médico*, de Tirso de Molina. José María Viqueira chamalhes «atributos imutáveis»: Ciência, Amor, Poesia e Cavalheirismo. Ou, mais extensamente: «su fama histórica, la suavidad de su clima, la belleza de su paisaje, la fertilidad de sus campos, la poesía de su ambiente y singularmente, su tradición universitaria»<sup>29</sup>. E voltam a ocorrer, em 1914, noutro escritor espanhol, Miguel de Unamuno, que identifica Coimbra com o amor, a paz, o sossego e a tranquilidade de espírito, recorrendo para isso ao elogio padronizado<sup>30</sup>. Ch. Diehl refere-se também à «ville charmante, toute fleurie de monuments exquis, toute pleine de souvenirs illustres, et sertie dans un paysage délicieux»<sup>31</sup>.

O elogio de Coimbra desagua invariavelmente na sua tranquilidade e beleza. Tratando-se de uma cidade pequena, a primeira característica constitui um atributo indiscutível<sup>32</sup>, mas no imaginário nacional transformou-se em

<sup>28</sup> António Cabral, *Eça de Queirós*, 3.<sup>a</sup> ed. Lisboa, Bertrand, 1945, p. 4041.

<sup>29</sup> José María Viqueira, «Coimbra en las letras españolas», *Arquivo Coimbrão*, Coimbra, vol. XIXXX, 1964, p. 150. Cf. também José María Viqueira, «Coimbra y Tirso de Molina», *Arquivo Coimbrão*, vol. XIII, 1955, p. 134.

<sup>30</sup> Miguel de Unamuno, *Andanzas y Visiones Españolas*, 4.<sup>a</sup> ed. Buenos Aires, Espasa Calpe, Argentina, 1948, p. 105-110.

<sup>31</sup> Ch. Diehl, «Impressions de Coimbra», *O Instituto*, Coimbra, vol. 72, 1925, p. 223.

<sup>32</sup> O príncipe Felix Lichnowsky, agradado com a antiguidade que dela emanava, caracterizou com grande felicidade: «Coimbra, tranquila, retirada e quase campestre» (Príncipe Felix Lichnowsky, *Portugal. Recordações do ano de 1842*, Lisboa, Ática, [1946?], p. 162.) A invocação frequente e algo retórica da qualidade de terceira cidade do País não invalida o que dissemos, atendendo à escassa rede urbana portuguesa. Em 1527, Coimbra era, em termos populacionais,

epítome. A segunda, convertida em lugar-comum, conferiu-lhe o estatuto de «cidade de beleza e arte»<sup>33</sup>. O próprio Fialho de Almeida, tão avaro nos elogios, chegou a escrever que «as sugestões artísticas são, nesta terra, como que uma florescência do solo e um oxigénio do ar»<sup>34</sup>. Se a enorme quantidade de *adolescentes escritores* não produziu, em geral, melhor do que um *estilo coimbrão*, redundante e pedantesco, isso deve-se a uma espécie de *hereditariedade mórbida*. «Só desta guisa se aclara – conclui Fialho, antes de proceder ao elogio da paisagem – como é que esta boémia em comum, numa cidade de monumentos, à beira de um rio contemplativo, não dá gestão aos mais penetrantes e singulares poetas do universo»<sup>35</sup>.

Fazendo uso de uma atitude mais distanciada, Sant'Anna Dionísio também não resistiu, cerca de 1942, a relacionar a paisagem e a literatura conimbricenses. Os termos cautelosos em que se exprime mostram que o unanimismo em torno das virtualidades naturais apenas lhe permite, numa obra com as características do *Guia de Portugal*, uma formulação vaga e inconclusiva<sup>36</sup>.

Na verdade, os tempos favoreciam afirmações categóricas como a de Afonso Lopes Vieira, que a elevou, desassombadamente, a arquétipo nacional. Em conferência proferida na inauguração de uma exposição de arte coimbrã, em Lisboa, em Março de 1921, pouco antes de integrar uma campanha na imprensa contra a demolição do arco da barbacã de Almedina, considerou Coimbra «a

---

a oitava cidade, e em 1801 ombreava com Setúbal no quarto lugar, estando Braga logo acima. Em 1911, 1940 e 1981, Coimbra ocupou sempre a quinta posição, alternando Setúbal, Funchal e Amadora nos terceiro e quarto lugares. (Teresa Barata Salgueiro, *A Cidade em Portugal, Uma geografia urbana*, 2.ª edição. Lisboa, Edições Afrontamento, s. d., p. 69-72).

<sup>33</sup> Título de um capítulo da obra de Tomás da Fonseca, *Coimbra*. Porto, Chardron, (1929?), p. 24-27.

<sup>34</sup> Fialho de Almeida, *À Esquina*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1992, p. 35 (1.ª ed., 1903).

<sup>35</sup> Para Fialho de Almeida, a actividade literária caracterizada pelo «horror da acção lançando a fantasia em solilóquios poéticos e discursos sentimentais, pouco abundantes em chorume» tem no «chamado *estilo coimbrão*» alguns «documentos deploráveis». O *estilo coimbrão*, bem representado por Vieira de Castro e Aires Gouveia, é complexo, confuso, artificial, sem valimento, redundante, tendendo para o «solilóquio pedantesco» (Fialho de Almeida, *idem*, p. 27 e 32-33).

<sup>36</sup> Escreveu Sant'Anna Dionísio: «Embora nas poesias dos velhos cancioneiros portugueses não haja alusões precisas aos estímulos dessa paisagem não é certamente arbitrário afirmar que o espírito poético provençal encontrou na suavidade dos campos do Mondego um valioso elemento de acomodação, tão favoráveis são os seus horizontes à experiência e vocação dos sentimentos amorosos e nostálgicos.» (Sant'Anna Dionísio, «[Coimbra.] Vida literária», *Guia de Portugal*, vol. III: *Beira. I – Beira Litoral*, 2.ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1984, p. 188. O presente texto dedicado a Coimbra foi publicado na revista *Seara Nova*, Lisboa, ano XIX, n.º 730, sábado, 9 de Agosto de 1941, p. 212-214, sob o título de «Coimbra como histórico ambiente literário».

Iniciatriz da Beleza em Portugal»<sup>37</sup>. O «sentimento da Beleza» é a verdadeira «*alma* da cidade» e um valor tão importante que, na sua opinião: «Para defender a beleza de Coimbra [...] seria preferível que as indústrias de Coimbra se extinguissem, a que secassem os choupos das margens do Mondego». Vinte anos depois, acentuando a apropriação ideológica, levou as suas palavras até ao limite do razoável:

Contemplando Coimbra dos eirados de Santa Clara ou do sítio mais propício da Quinta das Canas, o viajante sensível, se for português, reconhecerá que está vendo a mais fina, a mais pura, a mais *nacional* das paisagens do seu País [...].<sup>38</sup>

Adiante veremos que o Estado Novo foi propício a este tipo de afirmações, que condenaram Coimbra a símbolo do conservadorismo.

A beleza de Coimbra resulta, sobretudo, da sua paisagem. Passemos adiante paroxismos como o de Augusto Mendes Simões de Castro que, em 1867, lhe atribuiu uma perspectiva sem rival no País e até no estrangeiro<sup>39</sup>. Deixemos, como meras banalidades literárias, «a doçura dos ares» e «o perfume que se evola dos laranjais em flor»<sup>40</sup>. A visão estereotipada da paisagem coimbrã define-se pelos seguintes tópicos principais: contraste entre o casario e o verde dos arredores, com acentuação ora da beleza à distância, ora da estreiteza e fealdade de muitos arruamentos; unanimidade na apreciação encomiástica da paisagem envolvente; alusão, frequentemente retórica, ao rio Mondego; etc..

Um seródio romantismo transportou para o século XX uma leitura personificada da paisagem, definível numa palavra: tristeza. Assim a concebeu António Nobre<sup>41</sup> e, com vincada acentuação, um desconhecido «L. R.» julgou

---

<sup>37</sup> Afonso Lopes Vieira, *Em Demanda do Graal*. Lisboa, Portugal Brasil, 1922, p. 187-197: «Coimbra e o sentimento da beleza».

<sup>38</sup> Afonso Lopes Vieira, «[Coimbra.] Impressão geral», *Guia de Portugal*, vol. III: *Beira. I – Beira Litoral*, 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1984, p. 191-192.

<sup>39</sup> Escreveu Augusto Mendes Simões de Castro no seu *Guia Histórico do Viajante em Coimbra e Arredores* (Coimbra, Imprensa da Universidade, [1867], p. 1): «A sua perspectiva não tem rival nas cidades do reino; a todas excede em beleza, disputando até a primazia às mais formosas de países estrangeiros.» Mas lembremos que Unamuno se pronunciou no mesmo sentido meio século depois (*ob. cit.*, p. 92): «El paisaje que de allí se abarca [do edifício da Universidade] es lo más hermoso que en paisaje he visto en parte alguna».

<sup>40</sup> Mário Monteiro, *Coimbra*, Coimbra, França Amado, 1902, p. 128.

<sup>41</sup> Salvador Dias Arnaut, em *António Nobre e a Paisagem de Coimbra* (Coimbra, Almedina, 1967, p. 46-47), afirmou que «a tristeza é o permanente da paisagem coimbrã». Nela, domina o pinheiro, que cobre com um «manto verdeneiro» os arredores.

ver no rio Mondego a melancolia que era sua<sup>42</sup>. O mesmo termo ocorre a Sousa Costa, para quem, no entanto, a vegetação de Coimbra apresenta uma «beleza pacífica», resignada, sonhadora e nostálgica. «Envolve-a – na sua opinião – um véu de religiosidade mística, a absorção misteriosa de uma crença divina e cristã»<sup>43</sup>.

Com intensidade variável, o carácter idílico e bucólico de Coimbra emerge como uma essência. Descrevê-la no século XVI ou no século XX, conduz sempre ao mesmo discurso mitificado e parcial. Na Coimbra quincentista evocada por José Branquinho de Carvalho não há lugar para fome, pobreza ou fealdade. Na véspera de receber a Universidade, «o burgo coimbrão, era alegre, airoso, gozando da sua invejável situação, com o Mondego correndo a seus pés. A beleza e a suavidade dos seus arredores, com as suas quintas e arvoredos, a fertilidade dos seus campos, dos olivais, dos vinhedos, dos pomares e das searas, desentranhando-se em bons frutos e bom pão eram a grande riqueza da terra; a abundância do seu mercado, das suas tendas de mercearias, de panos e de toda a espécie de comércio, davam-lhe foros de urbe importante e sem igual»<sup>44</sup>.

E é assim que, apesar das reconhecidas deficiências higiénicas da cidade e de um certo desagrado pelo urbanismo, o bucolismo prepondera na literatura sobre Coimbra. M. Breton, que publicou em 1815 um volume sobre Portugal, não deixou escapar o contraste entre a perspectiva encantadora à distância e a feição interior, com ruas «étroites, inégales, tortueuses, mal pavées, et d'une saleté révoltante»<sup>45</sup>. Mas Arnaldo Gama, licenciado em Coimbra, é ainda mais severo. Abre o romance *Honra ou Loucura* com uma menção à insalubridade

---

<sup>42</sup> L.R., «O Mondego», *Branco e Negro*, Lisboa, ano II, n.º 82, 24 de Outubro de 1897, p. 49 e 50: «O Mondego é essencialmente triste; de uma tristeza particular que antes atrai do que afasta, que faz chorar os olhos e ao mesmo tempo consolar a alma. [...] Para a alegria não presta ele, nem nunca prestou decerto; porque tudo que dele se disse ou diz são sempre coisas magoadas ou pelo menos saudosas de se ouvir.» Neste semanário, encontra-se outro texto, em tudo idêntico, subscrito por «H. N.», no qual se fala do «rio divino», de «hialinas águas sobre que se debruçam, gementes, os salgueirais da canção shakespeariana», e de onde a juventude retira a sua «mística melancolia». O Mondego é, para este autor, a «alma daquela paisagem dolente e elísia», com «seus encantos mórbidos». «O próprio amor, ali, é o mais triste do triste amor português – amor fatal de balada, sempre queixoso e dolorido». (H. N., «O Mondego», *Branco e Negro*, n.º 82, 24 de Outubro de 1897, p. 50).

<sup>43</sup> Sousa Costa, «Despedida de Coimbra – I», *Serões*, n.º 54, Dezembro de 1909, p. 446.

<sup>44</sup> José Branquinho de Carvalho, «Coimbra quincentista», *Arquivo Coimbrão*, Coimbra, vol. X, 1947, p. 215.

<sup>45</sup> Excerto sobre Coimbra publicado por João Vilhena, sob o título «Coimbra em 1815», em *O Instituto*, Coimbra, vol. 90, 1936, p. 379-384. João Vilhena, que desconhece qualquer pormenor biográfico de M. Breton, também não sabe se o que escreveu resulta da observação directa ou da compilação de informações escritas.

de Coimbra e, num único parágrafo, generaliza a estreiteza e imundície da Praça de Santa Justa a toda a Baixa e, com evidente animosidade, ao próprio *ser* da cidade. Estávamos em meados do século XIX e alguma razão lhe assistia<sup>46</sup>. Reclamando medidas de saneamento do «reino da porcaria» em que se transformara a Baixa, um redactor de *O Conimbricense* lembrava, em 1907, que se chegou à pior imundície porque, em parte, a cidade tem vivido enganosamente embalada com o que dizem «os mais engenhosos e inspirados poetas»<sup>47</sup>. Em 1925, reportando-se ao casario que rodeia a Universidade, Manuel Ribeiro salienta também as «vielas e betesgas», «o casario miúdo e sórdido», a «decrepitude e bolor» que se desprende do conjunto<sup>48</sup>.

Mas o lirismo tudo esquece, tudo apaga, em benefício da Beleza e do encantamento, transformando Coimbra num conceito, passo fundamental no sentido da apropriação ideológica. «Terra nostálgica, mercê da emanação da sua própria alma», «uma das tam poucas cidades do mundo onde o sonho persiste» – assim escrevia Afonso Lopes Vieira em 1917<sup>49</sup>. Valerão estas palavras mais do que o clássico *Elogio de Coimbra* proferido pelo lente Inácio de Moraes em 1554?<sup>50</sup>

Em ambos os casos, encontramos menos a cidade de Coimbra do que o ideário dos seus autores e as convenções literárias da época. A mitificação de Oitocentos e de Novecentos torna-se incompreensível ou gratuita fora de um pensamento genericamente conservador e ruralista. Mas convém levar em conta que Miguel Torga, enquanto destilava a crítica impiedosa ao *lirismo beócio*, assumia no *Diário* um verdadeiro deslumbramento pela paisagem. A Coimbra

---

<sup>46</sup> Arnaldo Gama, *Honra ou Loucura*. Porto, Livraria Tavares Martins, 1936, p. 7: «A praça de Santa Justa é um dos pequenos largos em que abunda o bairro baixo de Coimbra. Em outra qualquer terra, o comprimento e a largura que tem, apenas lhe dariam direito a ser reputado retalho insignificante de rua, e ainda assim não das mais largas. *Em Coimbra porém é uma praça – mas praça, como todas as praças e até mesmo como todas as coisas de Coimbra*. De Verão, o pedregulho roliço que lhe serve de pavimento, torna-a de piso tormentoso; de Inverno é um verdadeiro brejo, porque a Sofia, que lhe fica a cavaleiro, despeja nelas quantas águas reúne, por dois becos estreitíssimos e imundos, a que os coimbrãos dão os nomes pomposos de rua do Carmo e rua de S. Boaventura. Do lado fronteiro a estas duas ruas, há outras duas que em tudo se parecem com elas – a do Arnado, que fica em linha recta com a do Carmo, e vira depois para a capela, chamada do Senhor do Arnado; e outra, cujo nome esqueci, e que comunica com a asquerosa e torta rua Direita» (Sublinhado nosso).

<sup>47</sup> M. B., «A cidade baixa III», *O Conimbricense*, Coimbra, n.º 6179, sábado, 2 de Março de 1907, p. 2.

<sup>48</sup> Manuel Ribeiro, *A Colina Sagrada*, Lisboa, Guimarães & C.ª Editores, 1925, p. 80.

<sup>49</sup> *Cancioneiro de Coimbra*, p. 8.

<sup>50</sup> «Coimbra, estudiosa e douta, faz lembrar Atenas, a antiga, florescendo, qual solícito pajem, sob a égide de Minerva» (Inácio de Moraes, «Elogio de Coimbra», *O Instituto*, Coimbra, vol. 88, 1935, p. 41).

«solene e catedrática»<sup>51</sup> é apenas a dos homens, porque a outra é toda *harmonia* e *paz*. Há nas palavras um apreço que ultrapassa as convenções porque, nutrindo-se do secular bucolismo, evidencia rara contenção e autenticidade. A dureza de Miguel Torga só é comparável ao seu amor:

Se nada devo à paisagem humana desta Coimbra, a mais seca, estéril e hostil que se pode encontrar na vida – escreveu em 5 de Junho de 1950 –, devo à outra, à geográfica, algumas das horas mais puras e sedativas que tive. Nestes dias de primavera, quando à tardinha, depois de arrumada a charrua, vou com a mulher pelos campos fora, é tal a beleza e a calma dos choupos, das oliveiras, do rio e da cidade vista de longe, que nenhuma outra nesga do mundo me poderia dar uma noção mais perfeita de harmonia e uma sensação tão completa de paz.

Não há um monte que não esteja bem desenhado e não seja oportuno, uma várzea que não fique bem no seu lugar, a tapetar de colorido a graça dum arroio que murmura. Um céu muito alto e transparente ergue o quadro, e torna-o quase suspenso de luz. E todo o quotidiano desaparece, como absorvido por uma duração eterna<sup>52</sup>.

Num universo mental neogarrettiano, esta espécie de ruralismo foi naturalmente elevado a importante fonte de virtudes, que se repercutiriam na formação dos estudantes. Em 1958, o deputado José Fernando Nunes Barata afirmou categoricamente na Assembleia Nacional:

Estou convencido de que uma das razões de aptidão de Coimbra para centro universitário se justificava na presença da sua natureza, como elemento imprescindível à estruturação de mentalidades equilibradas e de caracteres íntegros<sup>53</sup>.

Esta parece ter sido também a convicção de Oliveira Salazar ao expor, como dissemos, em 1937, o seu «plano» de remodelação das instalações universitárias.

### **A cidade conservadora**

O bucolismo, tão exaltado no tardo-romantismo, aprisionou Coimbra numa ideia de tranquilidade, de tradição e, por fim, de imobilismo. Não nos referimos à

---

<sup>51</sup> Miguel Torga, *Diário IV*, 3.<sup>a</sup> ed. Coimbra, 1973, p. 180. Observação escrita em 1 de Março de 1949: «Até numa terçafeira de entrudo esta Coimbra é solene e catedrática!»

<sup>52</sup> Miguel Torga, *Diário V*, 3.<sup>a</sup> ed. Coimbra, 1974, p. 9596.

<sup>53</sup> *Diário das Sessões da Assembleia Nacional*, Lisboa, n.º 26, 12 de Fevereiro de 1958, p. 501.

«animação rústica», descrita por Ch. Diehl em 1925<sup>54</sup>, nem à ausência de pessoas nas ruas durante as férias grandes, admiravelmente captada por Camilo Pessanha numa crónica de 1887<sup>55</sup>. É sobretudo relevante observar que as adjectivações tendem a acentuar uma harmonia intrínseca, propícia à formação equilibrada da juventude. Pierre Hourcade, aludindo aparentemente à tradição académica, afirmou a existência de um «*clima* moral de Coimbra», que não pode desligar-se do facto de se encontrar «soustraite aux rumeurs de l'actualité et préservée de la dispersion des capitales»<sup>56</sup>.

Vivia-se um momento em que, apesar das mudanças ocorridas no tecido urbano, se podia defender que quase tudo permanecia igual. «Coimbra, hoje, ainda é a Coimbra doutros tempos!» – eis a conclusão feliz que António Cruz põe na boca de uma personagem da sua novela *Cidade Romântica*, publicada em 1934<sup>57</sup>. Este pensamento cobriu o imaginário de Coimbra com uma poeira de imobilismo que ainda não se extinguiu. As raízes profundas do *anticoimbrismo* mergulham num – real ou suposto – conservadorismo. Coimbra foi sempre, ao menos no imaginário português, a cidade tradicional por excelência<sup>58</sup>, encerrada em si, voltada para o passado, resistindo passivamente aos novos tempos, desinteressada do mundo<sup>59</sup>.

As visões conservadoras consideravam esta atitude um bem. Coimbra era um símbolo e um ideal. Hipólito Raposo queria que ela permanecesse «uma

---

<sup>54</sup> Ch. Diehl, «Impressions de Coimbra», O Instituto, Coimbra, vol. 72, 1925, p. 224: «Assurément, à certains jours, la ville s'emplit, au matin, d'une animation rustique: de lourds chars aux roues pleines, que traînent des boeufs aux larges cornes, traversent lentement les rues; des paysannes en costume pittoresque passent, droites et graves, portant en équilibre sur leur tête des fardeaux inquiétants; sur le pont qui franchit la rivière, c'est un défilé incessant, un piétinement continu d'animaux de toute sorte, boeufs, moutons, ânes, chevaux, cochons, que des bergers à la noble prestance guident, d'une houlette haute comme une lance, vers le grand marché plein de mouvement, de couleur et de bruit».

<sup>55</sup> Camilo Pessanha, «Crónica da Alta», *Gazeta de Coimbra*, Coimbra, 6 de Agosto de 1887, transcrita por A. Carneiro da Silva, *Camilo Pessanha, Poeta e Ensaísta Coimbrão*, Coimbra, 1967, p. 2729 (Sep. do *Arquivo Coimbrão*, Coimbra, vol. XXIV, 1968).

<sup>56</sup> Pierre Hourcade, *L'Esprit de Coimbra*, Lisboa, Institut Français au Portugal, 1937, p.78.

<sup>57</sup> António Cruz, *Cidade Romântica*, Coimbra, Editorial Coimbra, 1934, p. 16.

<sup>58</sup> Usamos aqui as palavras de Mário: «Coimbra foi sempre a cidade tradicional por excelência» (Mário, «Coimbra d'ontem e d'hoje», *Gazeta de Coimbra*, Coimbra, ano VIII, n.º 761, 12 de Setembro de 1918, p. 1).

<sup>59</sup> Raul Fernandes Martins, *Coimbra. Recordações de um estudante*. Lisboa, Agência Portuguesa de Revistas, 1984, p. 113. Folheando revistas, catálogos de exposições, guias e estudos de história da arte, Michel Toussaint verificou que, em termos arquitectónicos, «Coimbra aparece como uma cidade do passado, da contemporaneidade sente-se a vontade do esquecimento, e, da própria cidade, a nostalgia prevalece» (Michel Toussaint, «Coimbra através da arquitectura publicada», *Via Latina*, Coimbra, Maio de 1991, p. 308.)

Bruges de Azul e Esmeralda, eternamente moça, sempre virgem, com a sua paisagem lírica onde ainda canta o rouxinol de Bernardim, com toda a graça de Princesa gótica, as suas murças doutorais, o seu medievismo»<sup>60</sup>.

Mas imbuído de doutrina diferente, Geraldino Brites combateu com denodo estes desígnios. Referindo-se de forma quase directa à Universidade de Coimbra, onde leccionou na Faculdade de Medicina, criticou-lhe o ensimesmamento num «prestígio que só tem valia no acanhadíssimo meio em que vegeta... rainha em terra de cegos» e a ausência de espírito crítico e de originalidade<sup>61</sup>.

O desenvolvimento de uma atitude revolucionária, política e ideologicamente comprometida, na segunda metade do século XIX, encontrou na Universidade de Coimbra um alvo privilegiado. Como escreveu Eça de Queirós no *In Memoriam* de Antero, era o seu manifesto conservadorismo que suscitava, por reacção, os impulsos revolucionários dos estudantes<sup>62</sup>. Esta animosidade manteve-se na centúria seguinte e deu azo, logo a seguir à implantação da República, a um assalto à Universidade, com a destruição de cátedras e de trajes doutorais. O que talvez tenha mudado ao longo do século XX foi a tendência para englobar a cidade nas críticas<sup>63</sup>. António Nobre, na sua «Carta a Manuel», refere-se à:

Vida claustral, bacharelática, funesta,  
 Numa cidade assim, cheirando essa indecente,  
 Por toda a parte, desde a Alta à Baixa, a lente!<sup>64</sup>

Para os que não *compreendem* o seu sortilégio, escrever sobre Coimbra supõe sempre evocar a cidade pequena, fechada, aborrecida. Todos estes epítetos têm ocorrido à pena dos *detractores*, ou seja, daqueles que, tendo ou não passado pelos bancos da sua Universidade, não comungam do *espírito coimbrão*. Em

<sup>60</sup> Hipólito Raposo, *Livro de Horas*, 1913, p. 256. Para o autor, «tudo é agora tão novo [...] que a gente vive aqui da mágoa infinita do que se perdeu» (p. 122). Em graus diversos, esta atitude veio até ao presente. Referindo-se à Coimbra de 1940, à distância saudosa de dezassete anos, Ercília Pinto confessou que: «Coimbra, nessa altura / Era cheia de poesia; / Tinha a graça e candura / Duma velha senhoria. / Agora por ser moderna, / Não me parece tão terna...» (Ercília Pinto, *O Doutor de Coimbra*, Coimbra, E. da A., 1957, p. 7).

<sup>61</sup> Geraldino Brites, «A Universidade de Coimbra e o seu meio», *O Instituto*, Coimbra, vol. 88, 1935, p. 79.

<sup>62</sup> Eça de Queirós, «Um génio que era um santo» (1896), artigo recolhido nas *Notas Contemporâneas* (3.<sup>a</sup> ed. Porto, Livraria Chardron de Lelo & Irmão Lda., 1920, p. 360).

<sup>63</sup> Mas este facto não exclui anteriores observações mordazes. Uma *correspondência* não assinada do jornal *O Doze de Agosto* (Lisboa, n.º 25, 31 de Maio de 1856, p. 3), datada de «Coimbra, 27 de Maio de 1856», não hesita em escrever que, comparada com Lisboa, a cidade do Mondego «é uma reles aldeia».

<sup>64</sup> António Nobre, *Só*, Porto, Livraria Civilização, 1983, p. 64.

1907, a propósito dos factos que desencadearam a greve académica desse ano, Teófilo Braga referiu-se à «estreiteza local duma cidade provinciana»<sup>65</sup>. Assim a continuou a ver João PalmaFerreira, décadas depois:

Coimbra, 13 de Novembro de 1972.

A chuva. A humidade do Mondego. Decifro esta pequena Coimbra. Da Universidade, as ruas pingam de silêncio<sup>66</sup>.

O mesmo fez JoséAugusto França, em duas páginas, relativamente ao primeiro terço do século XX. As suas palavras interpretam com justeza a corrente de opinião apostada em ver a crassa mediocridade provinciana. Em vão se procura uma palavra de simpatia ou, apenas, de entendimento por esta «cidadezinha fechada na sua província – e da província afinal se alimentando em mentalidade». Contra o elogio desmedido, um igualmente desmesurado apoucamento. Referindo-se ao fado, à boémia, à literatura, ao teatro e ao cinema, José Augusto França defende que «Coimbra não tinha, nisso, nem, no mais de cultura, privilégio sobre as outras cidades e vilas do interior, fora do *isolat* da sua Universidade – Atenas nacional que era só aí...»<sup>67</sup>.

Com uma dureza talvez superior, Marcello Caetano, que não estudou em Coimbra, considerou-a a «capital intelectual da província portuguesa com sucursais em todas as boticas aldeãs», com «a particularidade de fabricar um tipo de professor universitário arrogante e convencido, sempre com o seu catedratismo pedante mais ou menos à superfície»<sup>68</sup>.

### Coimbra, paradigma do País

A importância da Universidade de Coimbra no contexto português conduziu, como se observa, a um enfrentamento ideológico onde o que está em causa é, de forma tantas vezes explícita, o próprio País. Efectivamente, apesar de todos os encómios acumulados ao longo dos tempos, parece ter sido apenas no século XX que Coimbra foi elevada a reserva da identidade nacional. Miguel de Unamuno foi um dos primeiros a sugeri-lo, escrevendo, em 1914, que ela

<sup>65</sup> Alberto Xavier, *História da Greve Académica de 1907*, Coimbra, Coimbra Editora, 1962, p. 72; carta de 2 de Março de 1907.

<sup>66</sup> João PalmaFerreira, *Diário*, vol. II, 1972/1976, Lisboa, Publicações EuropaAmérica, 1977, p. 19.

<sup>67</sup> JoséAugusto França, *Os Anos Vinte em Portugal*, Lisboa, Editorial Presença, 1992, p. 273-274.

<sup>68</sup> Marcello Caetano, *Minhas Memórias de Salazar*, Lisboa, Verbo, 1977, p. 105.

foi «a iniciadora dos seus movimentos espirituais»<sup>69</sup>. Mas talvez pertença a Afonso Lopes Vieira a cristalização da ideia de que Coimbra seria a matriz espiritual da nação<sup>70</sup>. Foi ele que sintetizou os estereótipos relacionados com a tradição, a saudade, o amor, a arte, a poesia, a paisagem e o lirismo no conceito de Beleza e decididamente os elevou a «alma da cidade» e Coimbra a alma de Portugal. A tripla identidade conimbricense (futrca, académica e universitária) apaga-se, assim, nesta essência conservadora.

Este facto merece, aliás, uma observação, na medida em que parece reflectir o desenvolvimento mais geral das formulações relativas à identidade nacional. Foi no século XIX que, por toda a Europa, se procuraram as paisagens nacionais, convocando, para o efeito, a pintura naturalista e os temas rurais. Mas foi no século XX que o essencialismo cresceu até receber a consagração equívoca de Jorge Dias no esboço da *personalidade-base* do Português, traçado em 1950<sup>71</sup>.

Há no pensamento de Afonso Lopes Vieira uma evidente sacralização de Coimbra ou, melhor dizendo, dos valores a que Coimbra foi amarrada. Ao mesmo tempo, porém, levantaram-se as vozes dos que contestavam esses valores e, portanto, a própria cidade de Coimbra e o seu imaginário. A unanimidade em torno de Coimbra desapareceu no preciso momento em que o seu imaginário foi simplificado, reduzido e maximamente estereotipado.

As duas perspectivas concorrem em vários diálogos da novela de Manuel Ribeiro, «escritor convertido ao cristianismo e aos valores tradicionais, depois de ter militado no socialismo revolucionário»<sup>72</sup> e que nela retratou a vitória das ideias católicas e tradicionalistas, com as quais parece querer identificar Coimbra<sup>73</sup>. De um lado, Jorge, confiante na capacidade renovadora da Universidade; comovendo-se com «a velha voz de Coimbra cada vez mais cheia de Passado, cada vez mais carregada de saudades»; empolgando-se com a memória que ressumbrava das ruas da Alta; atendendo sobretudo à «vida que já ali fora vida, e ora não era». A junção de rapazes oriundos de todo o País, que ali comungam sonhos e anseios antes de regressarem à terra natal, conferia-lhe um estro especial. Para Jorge: «Sentir a alma de Coimbra era pois sentir na sua máxima pureza a alma bela da pátria». No pólo oposto, encontra-se Juliano Novais, que, «sob a frívola ironia do céptico», se queixa de não viver em Lisboa por causa da sovinice do pai e sente Coimbra como uma «grande

---

<sup>69</sup> Miguel de Unamuno, *Andanzas y Visiones Españolas*, 4.ª ed. Buenos Aires, Editora Espasa Calpe Argentina, 1948, p. 93.

<sup>70</sup> Afonso Lopes Vieira, *Em Demanda do Graal*, Lisboa, 1922, p. 188.

<sup>71</sup> Jorge Dias, *Os Elementos Fundamentais da Cultura Portuguesa*, Lisboa, IN-CM, 1985.

<sup>72</sup> Luís Reis Torgal, *A Universidade e o Estado Novo...*, cit. p. 240.

<sup>73</sup> Manuel Ribeiro, *A Colina Sagrada*. Lisboa, Guimarães & C.ª Editores, 1925, p. 55.

maçada». Como cidade, é a província, «e não há nada mais estúpido do que a pasmaceira da província»; como Universidade, apenas fornece «fórmulas, textos, palavreado», «inexperiência e bisonhice»<sup>74</sup>. Que lhe importa o sossego, «propício para as assimilações»?! «Coimbra não é para mim – conclui –, nem para quem queira ser alguém. Coimbra é um seminário. Bom para fazer clérigos, jamais homens para a vida activa»<sup>75</sup>.

As condições ideológicas do Estado Novo reforçaram o estatuto paradigmático de Coimbra. Esta ideia tornou-se quase um lugar-comum. Tendo visitado Coimbra em 1930, como participante num congresso internacional de arqueologia, o coronel francês A. Constantin escreveu poucos anos depois: «Il me semble que Coimbra soit la véritable métropole spirituelle du Portugal»<sup>76</sup>. Num texto mais significativo pelos lugares-comuns do que pela observação directa, Leo Magnino definiu-a como o berço espiritual da nação. Dentro de um país cujos habitantes se caracterizam pela tenacidade, sobriedade e coragem e pelo «temperamento poético, generoso e sonhador», Coimbra era «certamente la città più caratteristica e affascinante del Paese», desempenhando um papel ímpar como factor de renovação espiritual. «Tutti i grandi movimenti ideologici che trasformarono il Portogallo si parirono da Coimbra, da questo centro della cultura lusitana»<sup>77</sup>.

No ano anterior, Afrânio Peixoto falara da Universidade como «Coimbra de Coimbra, [...] oratório de Portugal e do Brasil»<sup>78</sup>. E logo a seguir, o deputado Proença Duarte, no âmbito da discussão da proposta de lei de autorização de receitas e despesas para o ano económico de 1941, atribuiu-lhe, historicamente, «um papel proeminente na orientação do pensamento português»<sup>79</sup>. Duarte

<sup>74</sup> *Idem*, p. 81 e 262-263. Lembrando o «milheiro de estudantes», oriundo de todo o País, que no seu tempo frequentava a Universidade de Coimbra, Alberto de Oliveira exclamou: «Aqui Portugal todo se resume» (Alberto de Oliveira, *Coimbra Amada*, Porto, Edição de Maranus, 1930, p. 31).

<sup>75</sup> *Idem*, p. 262. Estas palavras evocam, em parte, a impressão de Teixeira de Pascoaes à chegada a Coimbra, em 1896: «Coimbra retratou-se, nos meus olhos, alimentados a erva e a granito, eclesiástica e funereamente – um misto de Seminário e Campo Santo» (Teixeira de Pascoaes, *Uma Fábula...*, cit., p. 118).

<sup>76</sup> A. Constantin, «Regards jetés sur le Portugal», *Integralismo Lusitano*, vol. II, fasc. IV, Julho de 1933, p. 187.

<sup>77</sup> Leo Magnino, *Coimbra. La culla del Portogallo*. Separata de *L'Universo*, revista mensal do Istituto Geografico Militare, ano XX, n.º 12, Dezembro 1939, p. 1, 4, 7 e 12.

<sup>78</sup> Afrânio Peixoto, *Viagens na Minha Terra*. Porto, Lello & Irmão, 1938, p. 74. Este autor brasileiro, simpatizante do Integralismo, recebeu o doutoramento *honoris causa* pela Universidade de Coimbra em 1937 (Luís Reis Torgal, *A Universidade e o Estado Novo*. Coimbra, Livraria Minerva, 1998, p. 146-147).

<sup>79</sup> Sessão da Assembleia Nacional de 11 de Dezembro de 1940. *Diário das Sessões da Assembleia Nacional*, Lisboa, n.º 95, 12 de Dezembro de 1940, p. 144.

de Montalegre, aliás Pina Martins, intitulou-a «Metrópole do Espírito» e «da Inteligência Portuguesa»<sup>80</sup>. Em palavras mais simples, um jornalista do *Diário de Coimbra* considerou-a, em 1949, «a cidade mais portuguesa de Portugal, [...] o recanto vivo de todos os recantos da Pátria».<sup>81</sup> E parecendo reagir a vozes discordantes, Augusto de Castro, director do *Diário de Notícias* e caloiro nos últimos anos do século XIX, asseverou: «Coimbra e a Universidade foram – digam o que disserem – a Pátria espiritual de Portugal»<sup>82</sup>.

Mas havia de ser outro espanhol a coroar esta linha de raciocínio. Em plena década de sessenta, José María Viqueira, professor da Faculdade de Letras e autor de um livro sobre Coimbra<sup>83</sup>, concedeu-lhe o estatuto de microcosmos do País, para o qual estaria providencialmente destinada. Ela seria um «eslabón fundamental en el eje histórico, tradicional, político y artístico de la nación». Deste modo, sublimou a corrente de mitificação, encabeçada quarenta anos antes por Afonso Lopes Vieira, convertendo o paisagismo folclorizante das gerações neoromânticas em *essencialismo nacionalista*. José María Viqueira aceita, com uma evidente imponderabilidade conceptual, a ideia de uma identidade nacional exacerbada, una e intemporal:

Coimbra fué desde siempre una ciudad de destinos providenciales en el orden moral.[...] Estaba como predestinada a convertirse en estandarte y símbolo del más noble portuguesismo. La simbología lusitana de Coimbra alcanzó bien pronto raíces universales en el sentido de alimentar el espíritu portugués, y de ser alimentada por él. [...] Durante más de seis centurias Coimbra fué el gran foco de orientación y de luminosidad espiritual y cultural de la nación. Resultará acaso demasiado retórico, pero fué el «*corazón y el cerebro de Portugal*»<sup>84</sup>.

Este assumido enaltecimento (*mitificação positiva*) tem correspondência, entre os *anticoimbristas*, no que poderemos chamar *mitificação negativa*.

<sup>80</sup> Duarte de Montalegre, «Coimbra – metrópole do Espírito», *Gazeta de Coimbra*, Coimbra, ano XXXII, n.º 4492, 14 de Janeiro de 1943, p. 1.

<sup>81</sup> O Caçador de Verdades, «Coimbra e a arquitectura. Fala Edmundo Tavares, um distinto arquitecto e professor», *Diário de Coimbra*, ano XX, n.º 6193, 21 de Julho de 1949, p. 5.

<sup>82</sup> Augusto de Castro, «O Dr. Augusto de Castro, director do *Diário de Notícias*, na conferência que proferiu em Coimbra, proclamou: [...]», *Rua Larga*, Coimbra, vol. III, n.º 41, 23 de Junho de 1960, p. 200.

<sup>83</sup> José María Viqueira, *Coimbra. Impresiones y notas de un itinerario*. Coimbra, Coimbra Editora, 1957.

<sup>84</sup> José María Viqueira, «Coimbra en las letras españolas», *Arquivo Coimbrão*, Coimbra, vol. XIXXX, 1964, p. 113 e 172.

Referim-nos sobretudo aos que criticam a pequenez e a alegada mediania de Coimbra e da sua universidade com uma intensidade que denota, como alvo final, o próprio País.

Na visita realizada há duzentos anos, Heinrich Friedrich Link<sup>85</sup>, apesar da fama que o predispunha a uma impressão desfavorável, considerou razoável o seu nível científico, superior ao das universidades espanholas<sup>86</sup>. A escassa produção escrita ficava a dever-se, na sua perspectiva, à acção inquisitorial e ao dispêndio que cada professor teria que fazer para imprimir as suas obras. As causas da débil criatividade científica tornam-se, aos nossos olhos, o diagnóstico de uma conformação mental portuguesa. Em relação ao segundo ponto, pergunta: «Porque se ama tão pouco a ciência, de modo que a venda não paga a impressão de qualquer livro?» E quanto ao primeiro, lembra que «nunca Black teria descoberto o oxigénio, se se não tivesse duvidado das categorias bem como dos elementos do estagirita».

No século XX, poderia a opinião ser diferente? Carlos Pires de Lima da Fonseca lembra que Coimbra, em 1904, «reflectia um pouco a vida portuguesa despreocupada, entregue às preocupações do dia a dia, sem as sombras que só mais tarde haviam de aparecer»<sup>87</sup>. O *assalto* à Universidade, na sequência da implantação da República, configura um ataque ao País que se quer derrubar. A mitificação ruralizante de Coimbra não evocará o neogarrettismo? As investidas contra o *lirismo beócio* não traduzem, também, o desejo de romper com o Portugal salazarista? Cabe aqui, portanto, a observação de Miguel Torga, que tranquilamente reconhece na cidade, mais do que a projecção da nossa grandeza, o espelho das nossas limitações:

Nenhuma outra terra como Coimbra testemunha tão completamente, na sua pobreza arquitectónica, na sua graça feita de remendos e pitoresco, nos seus recantos sujos e secretos, os limites da nossa capacidade criadora, a solidão da nossa alma, e o jeito camponês com que nascemos para tirar efeitos cénicos do próprio gesto de erguer uma videira<sup>88</sup>.

---

<sup>85</sup> Seguimos, nesta síntese, Hans Flasche, «Coimbra na opinião alemã», *Boletim do Instituto Alemão*, Coimbra, vol. VIII, 1938, p. 1112.

<sup>86</sup> Escreve Link: «Na verdade, há muitas Universidades na Alemanha que, em comparação com as instituições correspondentes, se encontram num plano muito inferior à sua irmã tão desprezada.» (*Idem*, p. 11).

<sup>87</sup> Carlos Pires de Lima da Fonseca, *Roteiro da Minha Vida*, vol. II. Lisboa, Livraria Portugal, 1960, p. 17.

<sup>88</sup> Miguel Torga, *Portugal*, 2.<sup>a</sup> ed. Coimbra, 1957, p. 87.

Os disparos dos *anticoimbristas* fazem-se contra a mediocridade de um País que tarda em renascer. Perguntaram um dia a Almada Negreiros a quem é que se referia quando, na juventude, falara dos «palermas de Coimbra». Passou-se isso precisamente na cidade do Mondego, numa conferência para a qual tinha sido convidado pela Associação Académica. «Fez-se um silêncio terrível...», recorda Sarah Affonso. A evasiva de Almada não esconde o alcance da sua visível antipatia juvenil: «A quem é que me queria referir? Era aos palermas de Coimbra»<sup>89</sup>.

### Palavras finais

É no seio deste rico e complexo imaginário que se desenvolveu a recepção da Cidade Universitária de Coimbra. O ideário neogarrettiano associado a Coimbra parecia reclamar uma arquitectura comedida. Mas o facto de ser uma obra de afirmação do Estado impôs o classicismo monumental totalitário. Parece, pois, evidente que o resultado final é uma obra exógena ao imaginário coimbrão, facto bem patente em dois episódios, um factual, outro quase lendário. No primeiro caso, ocorrido em 1945, o Conselho Superior de Obras Públicas contestou a «expressão arquitectónica das fachadas» do edifício da Faculdade de Letras, projectado por Alberto José Pessoa sob a estrita direcção de Cottinelli Telmo, por não se harmonizar nem com o «ambiente» nem com as «tradições locais» de Coimbra<sup>90</sup>. No segundo, Oliveira Salazar, ao visitar um edifício recém-inaugurado da Cidade Universitária, desagradado com a sua estética, tê-lo-ia comparado a uma fábrica de chocolates ou a uma fábrica de sabão.

Efectivamente, o texto fundador de 1937, no qual Oliveira Salazar expõe as linhas gerais de intervenção, assenta solidamente no imaginário coimbrão tardo-romântico. Foi em nome da paisagem, tópico central desse imaginário, que Salazar impôs, antes de quaisquer outras considerações, a demolição do observatório astronómico do Pátio da Universidade. Tratava-se, nas suas palavras, de «deitar abaixo aquela excrescência do Observatório Astronómico para deixar intacto aos olhos encantados o panorama maravilhoso do Mondego, das

---

<sup>89</sup> Maria José de Almada Negreiros, *Conversas com Sarah Affonso*, 3.ª ed. Lisboa, D. Quixote, 1993, p. 89. Luís Cabral de Moncada atribuiu à expressão «palermas de Coimbra» um sentido mais restrito, visando o grupo presencista: «o segundo modernismo dos “palermas de Coimbra”, como dizia Almada Negreiros, representado na revista *Presença*, de 1927, com Gaspar Simões, Casais Monteiro, Branquinho da Fonseca e, acima de todos, José Régio». (Luís Cabral de Moncada, *Memórias...*, cit., p. 157).

<sup>90</sup> Arquivo da Universidade de Coimbra, processo 156 da CAPOCUC – Faculdade de Letras.

Lágrimas, da quinta das Canas, do Seminário, das encostas de tristes oliveiras, com a serra no horizonte longínquo»<sup>91</sup>.

O mesmo imaginário sustentou o lançamento político do projecto de remodelação das instalações da Universidade de Coimbra, mas a sua execução, levada a cabo pelo arquitecto Cottinelli Telmo e pelo ministro Duarte Pacheco, inteiramente alheios a ele, consagrou uma inapelável ruptura simbólica. É precisamente esta circunstância que explica o facto, aparentemente paradoxal, de as primeiras e as maiores críticas à Cidade Universitária terem partido dos sectores conservadores e, em alguns casos, de dentro do próprio regime. E que explica também a peculiar recepção política.

O imaginário tardo-romântico de Coimbra, que foi o único argumento contra a sua construção, sustentou também, na sua versão essencialista, um programa urbanístico solipsista. O espírito modernizador, que atraiu ao projecto o próprio Partido Comunista, serviu até aos anos cinquenta para apoiar as obras e, a partir dos anos sessenta, para as criticar<sup>92</sup>. Mas foi o discurso aparentemente mais passadista que venceu, ao converter o elogio do pitoresco na defesa patrimonial do núcleo histórico urbano.

Até ao decénio de 1960, a defesa da Alta fez-se quase exclusivamente com expressões de saudade e lamento. Podemos sempre encontrar «excepções» ou «precursores», como o urbanista Etienne de Groër ou os arquitectos Celestino de Castro e José R. Botelho, sem que isso altere a tendência<sup>93</sup>. Importa ter bem presente que não tivemos em vista diminuir o «discurso aparentemente mais passadista» pela simples razão de que não era passadista. Passadistas eram, como bem sabemos hoje, os que em nome do progresso postularam a destruição de duas centenas de prédios. Pelo contrário, quisemos provar que foi o imaginário tardo-romântico que desencadeou as primeiras valorizações patrimoniais da Alta.

Este facto não tem nada de surpreendente, uma vez que o conceito de património contém uma feição identitária primordial. O exemplo de João Falcato permite compreender a força e as fraquezas de um «saudosista» em 1957<sup>94</sup>. Não

---

<sup>91</sup> Oliveira Salazar, «Duas palavras de prefácio», *Discursos e Notas Políticas II (1935-1937)*. 2ª. ed. Coimbra, Coimbra Editora, 1945, p. XIXXXI.

<sup>92</sup> Delineámos as etapas da recepção crítica em «Cidade universitária de Coimbra: património e exaltação», *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, tomo XLV, 2014, p. 629-646.

<sup>93</sup> Etienne de Groër, *Anteprojecto de Urbanização, de Embelezamento e de Extensão da Cidade de Coimbra. Primeira parte – Peças escritas*. Coimbra, Câmara Municipal, 1948; José R. Botelho e Celestino de Castro, «Novas instalações universitárias em Portugal», *Arquitectura*, Lisboa, II série, ano 28, n.º 5556, Janeiro-Fevereiro de 1956, p. 3034.

<sup>94</sup> João Falcato, *Coimbra dos Doutores*, Coimbra, Coimbra Editora, 1957, p. 63-73.

vale a pena elevá-lo a *patrimonialista*, como se esta categoria fosse absoluta e imutável. Tão confuso é o seu critério que concorda com a destruição do Observatório Astronómico para libertar as vistas sobre o rio Mondego: «Aquele miserável escalracho / Que era o infeliz Observatório». E tão cândida é a sua crença que faz fé na velha e perigosa fórmula de «conjugar» a «moldura de séculos» com as «necessárias adaptações ao progresso». Mesmo assim, foi mais «avançado» que muitos que se tinham como «progressistas». Chocou-se com a destruição maciça da Alta, escreveu sobre a «traição ao passado», criticou os «caixotes» em construção e procurou no «remanso» do Paço das Escolas o que estava sobrevivendo às demolições.

Hoje, os editoriais do *Diário de Coimbra* de 3 e 4 de Fevereiro de 1945, que atribuímos ao comunista Deniz Jacinto, marcados pela visão grandiosa, parecem-nos velhos e perturbantes, enquanto as objecções de António Cabral, antigo ministro de José Luciano de Castro, e do próprio Bissaya Barreto denotam mais actualidade e frescura. *Envelheceu o que era novo, rejuvenesceu o que parecia passadista.*